

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0246/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 10/09/2025

Gabinete saudita condena comentários do primeiro-ministro israelense sobre o deslocamento de palestinos



O Príncipe herdeiro informou o gabinete sobre sua reunião com o Presidente dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Mohammed bin Zayed Al-Nahyan.

O Conselho de Ministros do Reino da Arábia Saudita, presidido pelo Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, reuniu-se ontem terça-feira em Riade para revisar os desenvolvimentos regionais, os laços internacionais e as conquistas domésticas.

O Príncipe herdeiro informou o gabinete sobre sua reunião com o Presidente dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Mohammed bin Zayed Al-Nahyan, bem como telefonemas recentes com o presidente francês Emmanuel Macron e o primeiro-ministro holandês Dick Schoof.

O gabinete condenou veementemente as declarações do primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu sobre o deslocamento forçado de palestinos, denunciando o uso do cerco e da fome por Israel como uma "violação flagrante das leis internacionais e padrões humanitários". Ele reiterou os apelos para responsabilizar as autoridades

israelenses pelo que descreveu como crimes de genocídio e graves violações contra civis.

O ministro da Informação, Salman bin Yousef Al-Dosari, disse que o gabinete também acolheu novos projectos humanitários lançados pelo Centro de Ajuda Humanitária e Socorro do Rei Salman para atender às necessidades urgentes na Síria, incluindo segurança alimentar, saúde, educação, abrigo e reabilitação.

O conselho analisou os resultados da quinta reunião do Comitê Econômico e Social do Conselho de Parceria Estratégica Saudita-Britânica e a iniciativa "Grandes Futuros", que concluiu com 38 acordos no valor de mais de 20 bilhões de riais. Também foi anunciada uma nova parceria bilateral, com foco em sectores prioritários alinhados com a Visão 2030 do Reino da Arábia Saudita.

Os membros do Gabinete elogiaram a realização bem-sucedida do Simpósio Global para Reguladores, destacando o papel crescente do Reino na formulação de políticas regulatórias digitais e na promoção da cooperação internacional para o desenvolvimento sustentável. **Fonte-Arab News**.

Príncipe herdeiro lidera condenação saudita e árabe do ataque "criminoso" de Israel em Doha



Esta captura de quadro tirada de uma filmagem da AFPTV mostra um homem olhando para a fumaça subindo após explosões na capital de Doha, o Qatar, em 9 de setembro de 2025.

O Reino da Arábia Saudita condenou veementemente ontem terça-feira o que descreveu como uma "brutal agressão israelense" contra o Qatar após um ataque à capital Doha, que Israel disse ter sido um ataque contra autoridades do Hamas na cidade.

Em um comunicado, o Ministério das Relações Exteriores denunciou o ataque como "uma violação flagrante do direito internacional e da Carta da ONU" e alertou que desestabilizaria ainda mais a região, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Reino alertou sobre as terríveis consequências resultantes da persistência de Israel em suas violações criminais e sua flagrante violação dos princípios do direito internacional

e de todas as normas internacionais, pedindo à comunidade internacional que condene essa agressão hedionda e ponha fim às violações israelenses que minam a segurança e a estabilidade da região.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman falou ao telefone com o Emir do Qatar, Tamim bin Hamad Al-Thani, reafirmando a "total solidariedade" do Reino com o Qatar após o "flagrante ataque israelense ao Estado do Qatar, que constitui um acto criminoso e uma violação flagrante das leis e normas internacionais". Ele prometeu colocar "todas as capacidades" à disposição do Qatar para apoiar quaisquer medidas tomadas para proteger sua segurança e soberania.

Mais tarde, o Príncipe Mohammed recebeu um telefonema do Rei Abdullah da Jordânia. Durante a ligação, eles discutiram o brutal ataque israelense a Doha e a flagrante violação da soberania do Qatar. Os dois líderes afirmaram o apoio de seus países ao Qatar e às medidas que tomam para proteger sua segurança e soberania.

Os Emirados Árabes Unidos também denunciaram o ataque, com o ministro das Relações Exteriores, Sheikh Abdullah bin Zayed Al-Nahyan, chamando-o de violação "flagrante e covarde" da soberania do Qatar e do direito internacional.

Ele reafirmou a total solidariedade dos Emirados Árabes Unidos com Doha, pediu a suspensão imediata da escalada militar e alertou que as acções israelenses não controladas correm o risco de arrastar a região para uma instabilidade perigosa com graves consequências para a segurança global.

O Ministério das Relações Exteriores do Qatar disse que não "toleraria esse comportamento imprudente de Israel, a interferência contínua na segurança regional e qualquer acção visando a segurança e a soberania do Qatar".

O Ministério das Relações Exteriores e Expatriados da Jordânia também condenou veementemente o bombardeio israelense de Doha, chamando-o de "violação flagrante do direito internacional e da Carta da ONU, e um ataque flagrante à soberania e segurança do Qatar". O porta-voz do ministério, Fuad Majali, disse que o ataque corre o risco de empurrar a região para "mais violência e conflito", ao mesmo tempo em que ameaça a estabilidade regional e internacional.

Majali reafirmou o "total apoio e solidariedade da Jordânia com o irmão Qatar" e pediu à comunidade internacional que obrigue Israel a interromper sua escalada e aderir ao direito internacional e às normas humanitárias.

O Rei Abdullah, em uma ligação com o Emir Al-Thani, condenou o ataque e disse que "a segurança do Qatar é a segurança da Jordânia".

O Egipto disse que o ataque estabeleceu um "precedente perigoso e rejeitou o desenvolvimento", acrescentando que a escalada "prejudica os esforços globais para a desescalada na região". O Conselho de Cooperação do Golfo e a Liga Mundial Muçulmana também condenaram o ataque. **Fonte-Reuters**.

Reino da Arábia Saudita condena ataques israelenses na Síria e reafirma apoio a Damasco

O Reino da Arábia Saudita condenou os ataques israelenses à Síria como uma violação do direito internacional, afirmando apoio à segurança e soberania de Damasco.

O Reino da Arábia Saudita condenou veementemente os contínuos ataques israelenses em território sírio, o último dos quais teve como alvo várias áreas nas províncias de Homs e Latakia.

Em um comunicado divulgado ontem terça-feira, o Ministério das Relações Exteriores descreveu os ataques como uma "violação flagrante" do direito internacional e do acordo de retirada de 1974 entre a Síria e Israel.

"O Reino afirma seu total apoio às medidas tomadas pelo governo sírio para alcançar a segurança e a estabilidade na Síria, preservar a paz civil e defender a soberania do Estado e suas instituições sobre todos os seus territórios", disse o ministério. **Fonte- Arab News**.

Príncipe Faisal co-preside comitê saudita-tunisino para melhorar a cooperação política



Um memorando de entendimento para cooperação em treinamento diplomático foi assinado entre as academias dos dois países.

O Príncipe Faisal bin Farhan, ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, co-presidiu ontem terça-feira na capital Túnis a quarta sessão do Comitê de Acompanhamento e Consulta Política Saudita-Tunisino com o seu homólogo tunisino, Mohamed Ali Al-Nafti. A reunião discutiu as relações e questões comuns entre Riade e Túnis, informou a Agência de Imprensa Saudita. Os dois lados enfatizaram a necessidade de colaboração e coordenação contínuas em questões regionais e

internacionais importantes para promover soluções pacíficas e aumentar a segurança, a estabilidade e a prosperidade. Um memorando de entendimento para cooperação em treinamento diplomático foi assinado entre o Instituto Príncipe Saud Al Faisal de Estudos Diplomáticos e a Academia Diplomática na Tunísia por Abdulaziz Ali Al-Sager, embaixador saudita na Tunísia, e Riadh Dridi, director-geral da academia. Ontem, terça-feira, o Príncipe Faisal se reuniu com o presidente da Tunísia, Kais Saied, no Palácio de Cartago. A discussão se concentrou nas relações bilaterais e na cooperação entre os dois países, bem como em seus esforços conjuntos para aumentar a segurança e a estabilidade regionais**. Fonte-Reuters.**

Índia-GCC revisam plano de acção conjunto no diálogo político em Riade



Autoridades do GCC e da Índia no diálogo político em Riade.

O Conselho de Cooperação do Golfo e a Índia discutiram o aprofundamento da cooperação em vários campos durante o diálogo político de dois dias Índia-GCC que terminou na passada segunda-feira, em Riade.

Arun Kumar Chatterjee, secretário do Ministério das Relações Exteriores da Índia, visitou Riade nos dias 7 e 8 de setembro para o Diálogo Político Índia-GCC e manteve amplas discussões com seu homólogo, Dr. Abdulaziz Aluwaisheg, secretário-geral adjunto para assuntos políticos e negociações no GCC. Ele estava acompanhado pelo secretário adicional (Golfo) Aseem R. Mahajan, de acordo com um comunicado da Embaixada da Índia.

Chatterjee e Aluwaisheg revisaram a implementação do Plano de Acção Conjunto Índia-GCC 2024-2028, que foi adoptado na primeira Reunião Ministerial Conjunta para o Diálogo Estratégico entre a Índia e o GCC, realizada em Riade de 8 a 9 de setembro de 2024.

Os debates centraram-se no aprofundamento da cooperação entre os vários pilares do plano de acção, como o diálogo político, a segurança, o comércio e o investimento, a agricultura e a segurança alimentar, os transportes, a energia, a saúde, a cultura e a educação. Eles discutiram caminhos e iniciativas em várias áreas para aprofundar a cooperação Índia-GCC e concordaram em melhorar os compromissos de alto nível e actividades conjuntas entre a Índia e o GCC. **Fonte-Arab News**.

Embaixador saudita no México apresenta as cartas credenciais



A presidente Claudia Sheinbaum Pardo (à direita) recebe Fahad bin Ali Al-Manawer na Cidade do México.

O recém-nomeado embaixador do Reino da Arábia Saudita no México, Fahad bin Ali Al-Manawer, apresentou recentemente as cartas credenciais à presidente Claudia Sheinbaum Pardo. Durante o evento, que aconteceu no Palácio Nacional da Cidade do México, Al-Manawer transmitiu as saudações do Rei Salman e do Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman. **Fonte-Reuters**.

Programa saudita impulsiona ensino superior no Iêmen



Esses esforços visam atender à crescente demanda por educação e treinar pessoal médico qualificado para apoiar o sector de saúde do Iêmen.

O Programa Saudita de Desenvolvimento e Reconstrução para o Iêmen lançou o projecto de expansão da região da Universidade de Saba para melhorar a educação em Marib, abordando questões como superlotação e escassez de salas de aulas.

O projecto inclui a construção de dois novos prédios com 16 salas de aulas e um escritório administrativo, além de lançar as bases para uma nova faculdade de medicina, informou ontem terça-feira a Agência de Imprensa Saudita. Esses esforços visam atender à crescente demanda por educação e treinar pessoal médico qualificado para apoiar o sector de saúde do Iêmen. **Fonte-Arab News**.

Primeiro-ministro do Qatar diz que ataque israelense é 'momento crucial' para a região



O Primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores do Qatar, Mohammed bin Abdulrahman Al-Thani, discursa em uma colectiva de imprensa após os ataques israelenses em Doha, em 9 de setembro de 2025.

O primeiro-ministro do Qatar alertou que seu país se reserva o direito de responder ao ataque mortal de Israel ao Hamas em Doha ontem terça-feira, chamando-o de "momento crucial" para a região.

"O Qatar ... reserva-se o direito de responder a este ataque flagrante", disse o primeiro-ministro Sheikh Mohammed bin Abdulrahman Al-Thani em uma coletiva de imprensa na noite de ontem terça-feira. "Acreditamos que hoje chegamos a um momento crucial. Deve haver uma resposta de toda a região a essas acções bárbaras", acrescentou.

O primeiro-ministro disse que o Qatar continuará tentando mediar um cessar-fogo e a libertação de reféns em Gaza, apesar do ataque de Israel a um complexo do Hamas em Doha. "Nada nos impedirá de continuar essa mediação na região", disse o Sheikh Mohammed a repórteres.

O Emir do Qatar, Tamim bin Hamad Al-Thani, disse ao presidente dos EUA, Donald Trump, em um telefonema que seu país tomará todas as medidas necessárias para proteger sua segurança e preservar sua soberania.

Doha negou ter recebido um aviso dos EUA sobre ataques israelenses, dizendo que a notificação veio depois que o ataque já havia começado. "As declarações que circulam sobre o Qatar ter sido informado do ataque com antecedência são falsas. A ligação recebida de uma autoridade americana ocorreu quando explosões soaram do ataque israelense em Doha", postou o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Qatar, Majed Al-Ansari, no X.

O Qatar escreveu ao Conselho de Segurança da ONU ontem terça-feira que "não tolerará esse comportamento imprudente de Israel e a contínua perturbação da segurança regional" após os ataques, que sua embaixadora na ONU, Alya Ahmed Saif Al-Thani, descreveu como "ataque criminoso covarde, o que constitui uma violação flagrante de todas as leis e normas internacionais". "As investigações estão em andamento no mais alto nível e mais detalhes serão anunciados assim que estiverem disponíveis", acrescentou ela em sua carta ao Conselho de Segurança. **Fonte-Reuters**.

Quem é Khalil Al-Hayya, principal figura do Hamas visada por Israel?



Autoridades do Hamas, Khalil Al-Hayya e Osama Hamdan, participam numa colectiva de imprensa em Beirute, Líbano, em 21 de novembro de 2023.

Khalil Al-Hayya, um alto funcionário do Hamas visado por Israel no Qatar ontem terça-feira, tornou-se uma figura cada vez mais central na liderança do grupo palestino desde que Ismail Haniyeh e Yahya Sinwar foram mortos no ano passado. Autoridades israelenses disseram que o ataque teve como alvo os principais líderes do Hamas, incluindo Al-Hayya, seu chefe exilado em Gaza e principal negociador.

Al-Hayya tem sido amplamente visto como a figura mais influente do grupo no exterior desde que Haniyeh foi morto por Israel no Irão em julho de 2024. Ele faz parte de um conselho de liderança de cinco homens que lideram o Hamas desde que Sinwar foi morto por Israel em outubro passado em Gaza.

Vindo da Faixa de Gaza, Al-Hayya perdeu vários parentes próximos - incluindo seu filho mais velho - em ataques israelenses na Faixa de Gaza e é um membro veterano do grupo. Considerado como tendo bons laços com o Irão, ele esteve intimamente envolvido nos esforços do grupo para intermediar várias tréguas com Israel, desempenhando um papel fundamental no fim do conflito de 2014 e novamente nas tentativas de garantir o fim da actual guerra em Gaza.

Nascido na Faixa de Gaza em 1960, Al-Hayya faz parte do Hamas desde que foi criado em 1987. No início dos anos 1980, ele se juntou à Irmandade Muçulmana junto com Haniyeh e Sinwar, dizem fontes do Hamas. Em Gaza, ele foi detido várias vezes por Israel. Em 2007, um ataque aéreo israelense atingiu a casa de sua família no bairro de Sejaiyeh, na Cidade de Gaza, matando vários de seus parentes, e durante a guerra de 2014 entre o Hamas e Israel, a casa do filho mais velho de Al-Hayya, Osama, foi bombardeada, matando ele, sua esposa e três de seus filhos.

Al-Hayya não estava lá durante os ataques. Ele deixou Gaza há vários anos, servindo como uma pessoa do Hamas para laços com os mundos árabe e islâmico e baseando-se no Qatar. Al-Hayya acompanhou Haniyeh a Teerão para a visita em julho, durante a qual ele foi assassinado. Al-Hayya foi citado como tendo dito que os ataques de 7 de outubro que desencadearam a guerra em Gaza foram concebidos como uma operação limitada do Hamas para capturar "vários soldados" para trocar por palestinos presos.

"Mas a unidade do exército sionista entrou em colapso completamente", disse ele em comentários publicados pelo Centro de Informação Palestina.

Al-Hayya disse que o ataque conseguiu trazer a questão palestina de volta ao foco internacional.

Al-Hayya liderou delegações do Hamas em negociações mediadas com Israel para tentar garantir um acordo de cessar-fogo em Gaza que incluiria uma troca de israelenses sequestrados pelo Hamas por palestinos em prisões israelenses. Ele realizou outros trabalhos políticos de alto nível para o Hamas. Em 2022, ele liderou uma delegação do Hamas a Damasco para consertar os laços com o ex-presidente sírio Bashar Assad. **Fonte-Reuters**.

Altos funcionários do Hamas e seus aliados mortos por Israel nos últimos 2 anos



(L/R): Ismail Haniyeh, chefe do escritório político do movimento islâmico palestino Hamas, com sede em Doha, uma foto sem data mostra o suposto líder militar palestino do movimento Hamas, Mohammed Deif (C), e o chefe da ala política do movimento palestino Hamas na Faixa de Gaza Yahya Sinwar (R) participa em um comício em apoio à mesquita de al-Aqsa de Jerusalém na Cidade de Gaza em 1º de outubro, 2022.

Israel matou vários altos funcionários do Hamas e seus aliados regionais desde o ataque mortal de 7 de outubro de 2023 por militantes liderados pelo Hamas no sul de Israel que desencadeou a guerra em Gaza. Ontem, terça-feira, Israel atacou o Qatar, país rico em energia, que tem mediado as negociações de cessar-fogo entre Israel e o Hamas. Israel atacou uma reunião de líderes políticos do Hamas que estavam discutindo a última proposta de cessar-fogo em Doha.

O Hamas disse em um comunicado que seis pessoas foram mortas, mas que todos os funcionários visados sobreviveram.

De Gaza, ao Líbano e ao Irão, Israel matou líderes do Hamas, Hezbollah, Houthis e líderes militares iranianos. Aqui está uma lista de altos funcionários que foram assassinados por Israel durante a guerra:

Saleh Arouri,

O vice-chefe político do Hamas e fundador da ala militar do grupo, Saleh Arouri, foi morto em 2 de janeiro de 2024, em um ataque de drone em um subúrbio ao sul de Beirute. Acusado de planejar ataques contra Israel na Cisjordânia, Arouri estava na mira

de Israel há anos, e o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, ameaçou matá-lo antes mesmo de o Hamas realizar o ataque de 7 de outubro.

Mohammed Deif,

Um ataque aéreo israelense a um complexo nos arredores de Khan Younis, no sul de Gaza, matou o chefe da ala militar do Hamas, Mohammed Deif, em 13 de julho de 2024. Mais de 90 outras pessoas, incluindo civis deslocados em tendas próximas, também morreram. Acredita-se que Deif seja um dos mentores do ataque de 7 de outubro e um dos fundadores das Brigadas Qassam, a ala militar do Hamas. Ele liderou campanhas de atentados suicidas contra civis israelenses e construiu um formidável arsenal de foguetes usados para atacar Israel. Durante anos, ele liderou a lista dos mais procurados de Israel.

Fouad Shukur,

Um ataque aéreo israelense em um subúrbio ao sul de Beirute matou o principal comandante militar do Hezbollah, Fouad Shukur, em 30 de julho de 2024. O secreto Shukur estava no comando das forças do Hezbollah no sul do Líbano e era um alto funcionário de seu programa de mísseis. Shukur, que era membro do principal órgão militar do Hezbollah, o Conselho Jihadista, foi acusado pelos Estados Unidos de planejar e executar o atentado com caminhão-bomba de um quartel do Corpo de Fuzileiros Navais em Beirute que matou 241 militares americanos. Ele foi o primeiro líder de alto escalão do Hezbollah a ser morto.

Ismail Haniyeh,

Em 31 de julho de 2024, poucas horas após o ataque que matou Shukur, o principal líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, foi morto em um ataque antes do amanhecer na capital iraniana em Teerão. Israel prometeu matar Haniyeh, de 62 anos, e outros líderes do Hamas pelo ataque de 7 de outubro. O ataque ocorreu logo depois que Haniyeh compareceu à posse do novo presidente do Irão.

Hassan Nasrallah,

Ataques aéreos israelenses nos subúrbios do sul de Beirute mataram o líder de longa data do Hezbollah e um de seus fundadores, Hassan Nasrallah, em 27 de setembro de 2024. Um estrategista astuto, Nasrallah, de 64 anos, transformou o Hezbollah em um arquiinimigo de Israel, cimentando alianças com líderes religiosos xiitas no Irão e grupos militantes palestinos como o Hamas. Sob sua liderança, o Hezbollah travou guerras contra Israel e ficou do lado do presidente Bashar Assad durante o conflito na vizinha Síria.

Nabil Kaouk,

O vice-chefe do Conselho Central do Hezbollah, Nabil Kaouk, foi morto em um ataque aéreo israelense ao sul de Beirute um dia depois de Nasrallah. Ele se juntou ao grupo militante em seus primeiros dias, na década de 1980. Kaouk também serviu como

comandante militar do Hezbollah no sul do Líbano de 1995 a 2010. Ele fez várias aparições na imprensa e fez discursos para apoiadores, inclusive em funerais de militantes do Hezbollah. Ele era visto como um potencial sucessor de Nasrallah.

Hashem Saf,

Ataques aéreos israelenses em um subúrbio de Beirute mataram o novo líder do Hezbollah, Hashem Safieddine, em 3 de outubro de 2024, dias depois de substituir seu antecessor, Hassan Nasrallah. Um rosto familiar no Líbano e um líder com laços estreitos com o Irão, ele era membro do Conselho Shoura na tomada de decisões do grupo e seu Conselho Jihad, que actua como seu comando militar. Ele também chefiou seu Conselho Executivo, que administra escolas e programas sociais. Safieddine era primo materno de Nasrallah.

Yahya Sinwar,

Yahya Sinwar, líder do Hamas na Faixa de Gaza, que planejou o ataque de 7 de outubro a Israel, foi morto por tropas israelenses em 16 de outubro de 2024. Israel havia prometido matar Sinwar desde o ataque ao sul de Israel que desencadeou a guerra em andamento, mas sua morte finalmente aconteceu em um encontro casual. Soldados israelenses o mataram dentro de um prédio na cidade de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, sem saber sua identidade até depois que seu corpo foi encontrado.

Mohammad Sinwar,

Mohammed Sinwar, que se acredita ser o chefe do braço armado do Hamas, foi morto por um ataque israelense em 13 de maio de 2025, na Faixa de Gaza. Ele era o irmão mais novo de Yahya Sinwar.

Hossein Salami,

Uma onda de ataques israelenses em diferentes partes do Irão matou vários altos funcionários das forças armadas do Irão e da principal força paramilitar em 13 de junho de 2025. Entre os oficiais militares de alto escalão mortos estava o general Hossein Salami, chefe da Guarda Revolucionária do Irão.

Ahmed Al-Rahawi,

O primeiro-ministro do governo controlado pelos rebeldes houthis, Ahmed Al-Rahawi, morreu em ataques aéreos israelenses na capital do Iêmen, Sanaa, em 28 de agosto de 2025. Ele foi o mais alto funcionário houthi a ser morto desde que uma campanha israelense-americana contra o grupo militante começou no início deste ano.

Abu Obeida,

Israel disse que um de seus ataques aéreos em Gaza em 30 de agosto de 2025 matou o porta-voz de longa data do braço armado do Hamas, identificado como Hudahaifa Kahlout. Israel disse que Kahlout, que era mais conhecido por seu nome de guerra, Abu Obeida, estava por trás da divulgação de vídeos mostrando reféns, bem como imagens do ataque liderado pelo Hamas que desencadeou a guerra. **Fonte-Arab News.**

Espera-se que o Irão e a AIEA retomem a cooperação sob acordo apoiado pelo Egipto



O director-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Rafael Grossi, chega para uma reunião com o ministro das Relações Exteriores egípcio e seu homólogo iraniano no Cairo em 9 de setembro de 2025.

O Irão e a Agência Internacional de Energia Atômica assinaram um acordo ontem terça-feira no Cairo para preparar o caminho para a retomada da cooperação, inclusive sobre formas de relançar as inspecções das instalações nucleares iranianas.

O anúncio ocorreu após uma reunião entre o ministro das Relações Exteriores do Egipto, Badr Abdelatty, seu homólogo iraniano, Abbas Araghchi e o director-geral da Agência Internacional de Energia Atômica, Rafael Grossi.

A reunião ocorreu em um momento delicado, quando França, Alemanha e Reino Unido iniciaram em 28 de agosto o processo de reimposição de sanções ao Irão pelo que consideraram não conformidade com um acordo de 2015 destinado a impedir o Irão de desenvolver armas nucleares. **Fonte-Arab News**.

Israel nem sempre 'age no interesse dos EUA', diz embaixador após ataques no Qatar



Danon disse que Israel "ainda está esperando os resultados" da operação.

O enviado de Israel à Organização das Nações Unidas (ONU) disse hoje quarta-feira que seu país nem sempre age no interesse de seu aliado, os Estados Unidos, depois que ataques israelenses contra líderes do Hamas no Qatar provocaram uma rara repreensão do presidente Donald Trump. A Casa Branca disse ontem terça-feira que Trump não concorda com a decisão de Israel de tomar uma acção militar em solo aliado dos EUA e alertou o Qatar com antecedência sobre os ataques iminentes. Mas o Qatar, que abriga uma grande base militar dos EUA e é o local de repetidas rondas de negociações de paz em Gaza, disse que não recebeu o aviso de Washington até que o ataque mortal já

estivesse em andamento. "Nem sempre agimos no interesse dos Estados Unidos. Somos coordenados, eles nos dão um apoio incrível, agradecemos isso, mas às vezes tomamos decisões e informamos os Estados Unidos", disse o embaixador de Israel na ONU, Danny Danon, a uma estação de rádio israelense.

"Não foi um ataque ao Qatar; foi um ataque ao Hamas. Não somos contra o Qatar, nem contra nenhum país árabe, estamos actualmente contra uma organização terrorista", disse ele. O grupo militante palestino Hamas disse que seis pessoas foram mortas nos ataques, incluindo um filho de seu principal negociador, mas que seus líderes sobreviveram. O Qatar disse que um de seus oficiais de segurança também morreu. **Fonte-Reuters**.

O furor dos vistos palestinos significa que a ONU deve mudar sua sede?



YOSSI MEKELBERG
09 de setembro de 2025



A decisão dos EUA de negar à liderança palestina a presença na Assembleia Geral da ONU é desconcertante.

A 80ª Assembleia Geral da ONU, que começou esta semana em sua sede em Nova York, deve ser uma das mais importantes para o povo palestino. Um por um, espera-se que os líderes dos países, entre eles Canadá, França, Reino Unido, Bélgica e Austrália, anunciem do pódio da Sala de Reuniões o reconhecimento de um Estado palestino.

Lamentavelmente, esses momentos de realização e celebração para o povo palestino não serão compartilhados pessoalmente por seu líder, já que o presidente palestino Mahmoud Abbas foi proibido de participar na sessão, agora que ele e outros 80 funcionários da Autoridade Palestina e da Organização para a Libertação da Palestina tiveram seus vistos revogados pelo Departamento de Estado dos EUA.

Há muitas boas razões para impedir a entrada de pessoas em um país, mas, neste caso, as razões apresentadas pelo Departamento de Estado foram vagas e longe de serem convincentes. Ele afirmou que "é do nosso interesse de segurança nacional ... responsabilizar a OLP e a Autoridade Palestina por não cumprirem seus compromissos

e por minarem as perspectivas de paz". Não foram dados mais detalhes sobre o risco representado por Abbas e sua delegação aos interesses de segurança nacional dos EUA ou quais compromissos específicos com as perspectivas de paz e aqueles que agora estão proibidos de entrarem nos EUA.

Se estes tivessem sido os critérios para ser autorizado a participar na AGNU, teria havido mais lugares vazios na sala, incluindo o do Primeiro-Ministro israelita Benjamin Netanyahu, que não só está a obstruir a paz como está a desempenhar um papel activo na carnificina em Gaza e, com isso, a impedir o regresso dos reféns.

Estes não são tempos fáceis para decifrar a lógica dos processos de tomada de decisão em Washington e o que os motiva. E a decisão de negar a presença da liderança palestina nesta rara ocasião em que a maior parte da comunidade internacional estará se unindo em torno do direito dos palestinos à autodeterminação é desconcertante. Parece ser um acto de vingança mesquinha por essa série de reconhecimentos feitos contra a vontade dos EUA - uma falta de julgamento que deixa Washington isolado em uma questão internacional fundamental, desconsiderando a legalidade de seu acto.

Há uma forte sensação de que Washington está punindo a liderança palestina por ter sucesso em receber o reconhecimento da maior parte do mundo e, especialmente recentemente, dos aliados dos EUA. Isso também é ilustrado, de acordo com a CNN, pelo Departamento de Estado instruindo seus diplomatas a recusar a maioria dos vistos para portadores de passaportes palestinos, quer vivam na Cisjordânia, Gaza ou no exterior.

Do ponto de vista legal, o Acordo na Sede da ONU de 1947, que estabeleceu a estrutura legal da sede da ONU em Nova York, afirma claramente que "as autoridades dos Estados Unidos não devem impor nenhum impedimento ao trânsito" a "pessoas convidadas para o distrito da sede pelas Nações Unidas". Outra disposição deste acordo se estende à disposição de vistos, que "serão concedidos gratuitamente e o mais rápido possível".

As autoridades dos EUA jogaram o trunfo de proteger o "interesse nacional" do país, que tende a se sobrepor a todas as outras considerações, incluindo, aparentemente, a adesão a um acordo assinado. Como Abbas, que celebrará seu 90º aniversário no final deste ano, representa uma ameaça ao interesse nacional do país ao participar da AGNU permanece um mistério.

Essa decisão arbitrária também deve levantar a questão maior de saber se continuar a situar a sede principal da ONU, uma organização que supostamente simboliza a paz e a cooperação multilateral, em Nova York é a coisa certa a fazer. A decisão de localizar o prédio da ONU foi tomada não apenas porque os EUA eram e continuam sendo o maior doador da ONU, mas também porque o país era considerado um país que respeita as obrigações contratuais e onde a lei governa supremamente. No entanto, esta não é a primeira vez que os EUA tomam tal medida. Em 1988, recusou-se a emitir um visto para Yasser Arafat, presidente do Comitê Executivo da OLP. Semelhante à sua acção actual contra Abbas, citou preocupações com segurança nacional e terrorismo.

Eventualmente, a sessão da AGNU daquele ano foi transferida para os escritórios da ONU em Genebra para permitir que Arafat abordasse o assunto. A recusa de

Washington em admitir Arafat dificilmente se justificava na época, mas, mais significativamente, isso foi muito antes de a Palestina receber o status de "estado observador" na ONU - uma decisão que foi apoiada por uma grande maioria de 138 a favor contra nove contra, sendo um dos últimos Israel e a maioria dos demais se opondo por medo de retaliação americana.

Isso também foi antes do estabelecimento da Autoridade Palestina e de anos de negociações, mesmo fracassadas, nas quais houve o reconhecimento de que o fim do conflito israelense-palestino deveria girar em torno de uma solução de dois Estados, reconhecendo assim o direito dos palestinos à autodeterminação.

Além disso, isso foi antes que as políticas expansionistas de assentamentos de Israel mudassem completamente a paisagem da Cisjordânia e antes que membros seniores do Gabinete começassem a defender vigorosamente a anexação da Cisjordânia e Gaza. Os países que devem anunciar seu reconhecimento de um Estado palestino este mês, sem dúvida, gostariam de fazê-lo na presença da liderança palestina - e, portanto, valeu a pena contemplar a mudança desta 80ª sessão da AGNU para outro lugar.

Apelos para reformar a ONU, especialmente o Conselho de Segurança da ONU, são feitos há décadas. Muitos sentiram que é principalmente um playground para as grandes potências, enquanto o resto é marginalizado. Isso é particularmente evidente no Conselho de Segurança da ONU, onde cinco países têm um privilégio de veto que pode anular os desejos do resto dos membros. Não há exemplo mais claro disso do que a questão do reconhecimento do Estado palestino. Com a França e o Reino Unido agora unidos em apoio, a vontade de um membro permanente, neste caso os EUA, é mais poderosa do que a maioria dos membros juntos.

A decisão de proibir as autoridades palestinas de participar da AGNU é agora considerada um passo longe demais pelos EUA e um abuso de seu poder para ignorar o resto apenas porque pode, fazendo isso contra os próprios princípios e espírito da ONU. Para aqueles que veem a decisão de impedir a liderança palestina de comparecer à AGNU deste ano como injustamente marginalizando e desconsiderando sua causa e suas preocupações, esse triste episódio ainda pode ser um catalisador para se unir, fazer sua voz ser ouvida e insistir em reformas que lhes dariam mais voz de acordo com os princípios subjacentes da ONU e articulados em sua carta.

Yossi Mekelberg é professor de relações internacionais e membro associado do Programa MENA da Chatham House. X: @YMekelberg

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**

